



SHAKESPEARE, FREUD E A PERDA

Roniere Ribeiro do Amaral

I

O valor da leitura de “Luto e Melancolia” surgiu para mim pela crescente reflexão sobre o papel da perda em nosso cotidiano: coisas, oportunidades, sonhos e pessoas que se vão. Ocorre-me também: aquilo que não vem – “ficar a ver navios”, assim representaram os portugueses medievais desilusão e frustração. Com esses pensamentos, tive uma experiência surpreendente ao ler uma peça pouco festejada de Shakespeare. Proponho-me aqui a cotejar estética e teoria, considerando textos do dramaturgo e do psicanalista, tendo “perda” como fio condutor.

“Tito Andrônico” é uma tragédia do período inicial da dramaturgia de Shakespeare. Tecnicamente, trata-se de uma “peça de vingança”, repleta de ações sanguinolentas – justamente por isso, peça rejeitada por muitos. De minha parte, ela me interessou por outro aspecto da vida além de vingança e violência: a perda. Tito Andrônico é um velho nobre romano, general vitorioso que é eleito imperador de Roma. Quando entra em Roma vindo de um grande êxito ante os godos, diz, na primeira sentença do personagem: “Salve, Roma, vitoriosa em teus trajes de luto!” Penso que essa saudação encerra todo o problema de Tito: uma Roma que lhe impõe lutos e perdas. Imposição que se complica no momento em que Tito recusa o trono e o entrega ao primogênito do último imperador que, guiado por paixões, nada retribui a Tito, mas lhe priva de quase tudo. A Roma senhora de Tito torna-se seu algoz. Na primeira querela com o jovem imperador, diz para si: “Tito, quando te aconteceu ficares assim só, desonrado e provocado por afrontas?” E numa situação decisiva para o plano de vingança, diz Tito

a seu filho: “...não percebes que Roma é somente um deserto de tigres?” Tito perde o reconhecimento de Roma, vinte e dois filhos em batalhas pelo reino e outro no confronto com o novo imperador. O irmão do general, Aarão, num grande lamento, completa a lista:

Agora, adeus, toda ilusão! Morre, Andrônico, não descanses. Olha! Aqui estão as cabeças de teus dois filhos, aqui está cortada tua mão marcial; aqui está tua filha mutilada; aqui está teu outro filho banido que este atroz espetáculo tornou pálido e lívido; e eis-me aqui, eu, teu irmão, como uma estátua de pedra, frio e imóvel! Ah! Não quero mais agora moderar tua dor; arranca teus cabelos de prata, descarna com teus dentes tua outra mão, e que este horrível espetáculo feche para sempre nossos olhos miseráveis! Chegou o momento de te encolerizares; por que continuas tão calmo?

Faltaria a esse personagem shakespeariano o status de “ícone de perdas”: sua representação traria um velho e austero senhor, em traje militar, sem uma das mãos. A história termina de modo absurdamente trágico, exageradamente violento e mórbido. Tito realiza seus atos de vingança, aparentemente, pouco interessado em sobreviver.

II

Versando sobre “luto e melancolia”, Freud tem a perda como principal causa excitante de ambos – mais concreta num caso, mais enigmática no outro, respectivamente. No contexto do narcisismo, pensar perda é valioso porque encontrar-se privado de algo que

se acreditava possuir é um fenômeno recorrente — que nos lembra ou faz conhecer a realidade de que possuímos muito pouco — e, além de recorrente, doloroso. Além disso, a dor da perda geralmente significa derrota. A perda é a vitória da realidade dissolvendo nossas ilusões de posse e controle, pelas quais nos sentimos íntegros. A perda na melancolia não é tanto a produzida pela morte, mas pelo abandono ou pela ruptura; também pode ser a perda de uma qualidade do objeto amado.

Ante luto e melancolia como reações à perda, lembro-me de que o sistema nervoso é regido pelo “princípio da constância” que pretende controlar a quantidade de excitação, mantendo-a a mais baixa possível. Nesse processo de dominação de estímulos, também atua o “princípio do prazer”. A perda é estímulo externo que mobiliza a mente por meio desses dois princípios. Penso que ambos correspondem ao aspecto egoísta da mente, pelo qual o indivíduo busca vantagens para si — justamente pela dinâmica de se auferir prazer e evitar desprazer ou dor, ou seja, uma espécie de cálculo subjetivo baseado no senso comum. Tanto em luto quanto em melancolia é feito um trabalho, a fim de baixar a excitação nervosa gerada pelo estímulo, a perda.

Pode-se apontar alguns critérios ou pontos de comparação entre luto e melancolia. Enumero-os: desânimo profundamente penoso, cessação de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar, inibição de qualquer atividade, delírio de inferioridade, inconsciência da perda, empobrecimento de objetos, sentimento de vergonha, condição cognitiva, o trabalho de elaboração do estado e condições. A “característica mais marcante”, fator distintivo da melancolia frente ao luto, é a “perturbação da autoestima”. A identificação desse fator altera a característica do quadro de comparação, como que fazendo com que o observador, a partir desse achado, ajuste sua visão para apontar agora as diferenças. Três outros critérios se vinculam ao critério do delírio de inferioridade, a saber: empobrecimento de objetos, sentimento de vergonha e condição cognitiva. Sobre esses dois últimos, observo que, no caso da melancolia,

o próprio indivíduo é objeto de sua crítica. Depreciação do próprio ego é expressão de um aspecto crítico da mente. Sua qualidade cognitiva e sua determinação em assumir diante de outros seus defeitos morais nos levam a considerar uma instância adicional chamada de “consciência”. Aqui manifesta-se um aspecto topográfico da melancolia. Outro aspecto da topografia da melancolia tem importância crucial para o entendimento desse estado mental. Na verdade, é numa outra instância, que não aquela do agente crítico, que ocorre um fenômeno fundamental não somente para a melancolia, mas para o entendimento da dinâmica dos instintos. O *topos* é o inconsciente e sua relevância aqui é ser o foro da ambivalência (amor e ódio pelo objeto perdido).

Além desse aspecto topográfico, destaca-se um aspecto dinâmico, em que a libido serve ao estabelecimento de uma *identificação* do ego com o objeto perdido; a reprovação do objeto torna-se reprovação de si. É justamente em razão da *identificação* — fator-chave para o rumo da doença — que o critério “empobrecimento de objetos” é qualificado como “perda do ego”. A *identificação* revela para o destino da libido quando foi retirada do objeto: voltou-se para o ego. Trata-se de uma *regressão* de um tipo de escolha objetal para o narcisismo original”. Na instância de crítica, um tribunal, o ego ali sentado representa o objeto com o qual ele se identificou e que ele odeia e ataca.

Contribui para o entendimento da especificidade da melancolia considerar dois outros critérios: trabalho e condições. No luto, as condições para sua realização são perda de objeto, retirada da libido e substituição do objeto. As condições da melancolia são: perda de objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego. A melancolia destaca-se do luto pela perturbação da autoestima e suas implicações.

III

Tito negava loucura, mas seu irmão Marcos apontava seu delírio. Seria ela forma de

trabalho de luto ou uma reação específica à perda, ao lado de luto e melancolia?

O cotejo entre estética e teoria dá oportunidade de se estender a reflexão teórica. Freud estava interessado em pensar o estado patológico da melancolia; eu, interessado em pensar a perda. Parece-me que, nesse cotejo, não vemos uma personagem em mero luto, muito menos em melancolia. As injustiças que sofre acendem em Tito o ódio unívoco (sem ambivalência) contra seus algozes. Esse ódio manifesta-se num apetite de vingança¹. Tito mata a própria filha mutilada, violada pelos filhos da nova imperatriz. Tito não substitui objetos, ele destrói, juntamente com seus inimigos, todos os objetos. Não tem mais perspectivas de vida em Roma, não naquele governo. A sede de vingança é contrária a qualquer inibição. Seu agir é abundante e destruidor, mas calculado. O que parece, então, se agigantar em Tito é a severidade de um superego, pois o apetite de vingança é análogo ao apetite do direito. Paixão análoga à razão. Como não havia mais direito para Tito, sob uma Roma tirânica, restava-lhe recorrer à vingança. A sombra do objeto não cai, aí, sobre o sujeito. Aqui não posso avançar mais em especulações sobre a dinâmica e a topografia da vingança, mas só anunciá-la, por conjectura, como mais uma reação estruturada (inerente à natureza humana) à perda. Também pode-se perceber que o fato de a sombra do objeto não toldar o delírio vingativo do sujeito nos remete a uma posição de unilateralidade e absoluta cisão que reduz o outro e uma cisão que separa o sujeito do outro, contrapondo injustiçado e algoz, perseguidor objetivo. O superego é o “tu deves” que comanda o ataque. A mente de Tito, militar, já estava condicionada a gerar essa reação diante da perda.

Se em estética Tito seria o ícone da perda, em psicanálise ele seria a representação do aspecto do animal humano, instância de paixões agressivas, que em conluio com a racionalização moralista do superego, organiza e conduz ação de retaliação contra quem parece lhe infligir perdas. Diante da perda, podemos ser um Tito.

(ENDNOTES)

1 - Minha reflexão sobre vingança está apoiada em Nuria S'ánchez Madrid, “Kant e Freud sobre o superego: apetite de vingança, princípios do direito e sentimento do sublime”, in Revista *Ethic@*, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 203 - 225. Dez. 2012, p. 207. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/viewFile/1677-2954.2012v11n3p203/23923>



Roniere Ribeiro do Amaral é membro do Instituto de Psicanálise
Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.